

CYRO DE
MATOS

NOS TEMPOS DO TRABUCO

<https://issuu.com/ebook.br/docs/trabuco>



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

“Avistam os porcos querendo fugir pela portinhola do chiqueiro, todos ao mesmo tempo. Em cima do mourão, o menino segura a portinhola do chiqueiro. O porco Pidão consegue fugir primeiro com mais seis porcos na carreira estonteada. O menino sorri de contente. Não percebe quando o homem saca o revólver e dispara seis tiros na direção dele. Um dos tiros derruba o menino para dentro do chiqueiro, logo o corpo passa a ser disputado pelos porcos famintos.”

Cyro de Mattos

Cyro de Matos

NOS TEMPOS DO TRABUCCO

Contos

Organização, introdução e notas
de Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



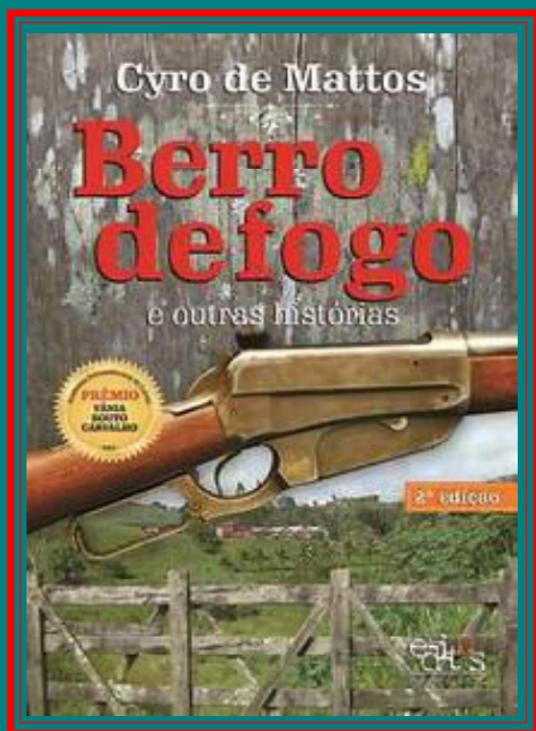
CONSELHO EDITORIAL:
Alana Al Fahl (UEFS)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Gildeci de Oliveira Leite (UNEB)
Itana Nogueira Nunes (UNEB)

Tipologia: Amer Type Md BT, 15.
Formato: 12 x 20 cm.
Número de páginas: 94.

Copyright 2018

SUMÁRIO

Do trabuco à palavra	7
Inocentes e Selvagens	17
Os Recuados	43
História do Galo Clarim	51
O Menino e o Boi do Menino	65
Obras de Cyro de Mattos	83
Sobre a Coleção Teal	91



Capa da 2ª edição de
Berro de Fogo
e Outras Histórias

DO 'TRABUÇO À PALAVRA

Cid Seixas

São duas armas, uma é mortal; a outra vislumbra a imortalidade. A escolha se impõe. Vamos ao texto.

Cyro de Mattos é um dos muitos escritores baianos da região do cacau – e um dos poucos cujo trabalho constante e associado ao necessário talento, é capaz de assegurar-lhe um lugar de destaque no quadro da Literatura Brasileira.

Sua produção remonta aos emblemáticos anos sessenta, quando publicou *Berro de Fogo*, seu pri-

meiro livro, ainda marcado por imperfeições e outros traços de início de uma aprendizagem. Consciente da falibilidade do artista, Cyro exclui o livro da sua bibliografia para aproveitar o conto-título e publicar, já em plena maturidade, em 1997, pela Editus e Fundação Jorge Amado, uma das suas obras clássicas: *Berro de Fogo e Outras Histórias*.

Alceu Amoroso Lima, crítico e pensador dos mais respeitados, que adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde, deu-nos um testemunho essencial para a inclusão do nome do grapiúna no quadro da literatura brasileira do século vinte:

“Extraordinária capacidade de dar aos aspectos mais típicos da realidade nacional, em estilo profundamente impregnado da nossa fala brasileira, a revelação

de um escritor visceralmente nosso... admirável ficcionista”.

Convém lembrar que foi em 1968 que Cyro de Mattos viu seu nome ser incluído entre os bons contistas, quando a narrativa “Inocentes e Selvagens” – selecionada para figurar neste e-book – recebeu o Prêmio Internacional Cervantes, da Casa dos Quixotes, para autores portugueses, africanos e brasileiros de língua comum.

É ele quem confessa, em correspondência de outubro de 2018, ao organizador deste volume:

– “Concorri com mais de 100 autores. Como era um concurso expressivo na época, lançou-me como autor de ficção curta no circuito nacional. Eu era desconhecido, estava dando os

primeiros passos, hesitantes, em minhas atividades literárias. Havia publicado *Berro de Fogo*, contos, livro riscado de minha bibliografia; nasceu imaturo, cheio de vícios.”

A atitude consciente do contista, rigoroso a ponto de abandonar um livro que não mais respondia ao rigor da sua obra, nos remete ao escritor português Miguel Torga, cujo primeiro volume das suas obras publicadas no Brasil, pela Nova Fronteira, em 1996, tive a oportunidade de fazer uma introdução crítica, por sugestão da família do autor. Como foi observado, não apenas vários contos, mas alguns livros torquianos, na sua forma original, foram reescritos, repetidamente, em novas e constantes reedições. Nesse particular, o nosso Cyro de Mattos

adota o procedimento do autor português da geração de presença, diferentemente do que fez o também grapiúna Jorge Amado, fundador e figura de topo do ciclo do cacau na Literatura Brasileira.

Amado não volta aos seus romances da juventude para reescrevê-los. Ao contrário, deixa essas obras na forma original, mesmo quando revelam uma escrita em processo de amadurecimento ou quando traduzem uma perspectiva ideológica que se modificou ao longo do tempo, especialmente ao descobrir – com traumas e assombro – as incoerências da prática comunista de Stálin, contrárias à sua concepção humanista da socialização dos bens e dos valores.

Voltando ao juízo feito por Cyro de Mattos das suas narrativas, convém transcrever mais um trecho da já referida correspondência:

– “O conto “Os Recuados”, pungente e denso, é a história de uma mãe miserável, coitada, que mata o filho por amor, pois não suportava mais vê-lo chegar em casa bêbado. Ele bebia muito porque se via rejeitado como um índio pelos humanos, na feira. Deixo que isso seja visto nas entrelinhas.”

Em 1983, a Editora Tchê, de Porto Alegre, deu a lume o livro *Os Recuados*, de onde foi retirado o conto título, para compor este livro digital agora publicado na coleção “Teal” da E-Book.Br. Estes dois contos já citados são fundamentais na obra do autor e, coincidentemente, ouvindo-o sobre suas preferências, ele destacou as duas narrativas que ao lado de outras já tínhamos em vista para integrar este volume.

Surpreendentemente, para mim, Cyro de Matos destacou textos por ele intitulados de “contos de gente jovem”. O primeiro deles é “História do Galo Clarim”, que eu não conhecia e creio continuar ainda inédito, e o segundo é “O Menino e o Boi do Menino”, que completam este volume intitulado *Nos Tempos do Trabuco*. Esse último texto saiu em 2007 como um pequeno livro para os novos leitores infanto-juvenis, através da editora Biruta, de São Paulo.

Pela qualidade dessa faceta do escritor, a de autor de livros para jovens e crianças, e ainda mais pela natureza das narrativas de múltiplo alcance, isto é, capazes de interessar ao público adulto e a conquistar jovens andarilhos que se aventuram pelos caminhos da leitura, tais inclusões valorizam este e-book..

Embora apenas os contos “Inocentes e Selvagens” e “Os Recuados” integrem explicitamente a sangrenta temática do ciclo do cacau na Literatura Brasileira, o leitor das obras de Cyro de Mattos tende a situar esses singelos acontecimentos da infância no mesmo cenário geográfico das suas outras narrativas ficcionais, plenas de heroísmo e vilania que marcam a saga do cacau.

Convém observar que “Inocentes e Selvagens”, além de ter aberto espaço para esse escritor nascido em 1939, na cidade de Itabuna, veio a integrar o livro *Duas Narrativas Rústicas*, editado no Rio de Janeiro, em 1985, pela editora Cátedra.

Jorge Amado foi um dos muitos leitores privilegiados da obra desse escritor a deixar patente a admiração pela sua escrita genuinamente brasileira:

“Cyro de Mattos possui uma personalidade vigorosa e original, a condição humana dos personagens que surgem do seu conhecimento e da sua emoção nada tem de artificialismo... O autor de *Os Brabos* pisa chão verdadeiro, toca a carne e o sangue dos homens, entre sombras e abismos.”

Diplomado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, ele foi atraído pela força e pelo encanto da palavra escrita. Seguindo o caminho da maioria dos escritores brasileiros da região Nordeste, Cyro também se fez retirante, levando seu gibão de couro, cheio de histórias pra contar, até a ex-capital do país, o Rio de Janeiro. Para encontrar audiência, trabalhou como redator do *Diário de Notícias*, do *Jornal do Comér-*

cio, de *O Jornal* e do *Jornal do Brasil*, de 1966 a 1971; colaborando ainda com artigos e contos na revista *A Cigarra* e nos *Cadernos Brasileiros e Leitura*, além do Suplemento Literário do *Jornal do Brasil* e d'*O Jornal do Escritor*.

Como o bom filho quase sempre retorna à casa paterna, o escritor Cyro de Mattos voltou a morar em Itabuna, onde exerceu a advocacia e também encontrou tranqüilidade para fazer frondosa a sua obra de mil e uma facetas.

INOCENTES E SELVAGENS

Uma neblina densa passa vagarosa e envolve a fazenda por todos os cantos. Esfuma-se nos pastos da baixada e na Serra do Japu. O canto do galo pedrês acorda as galinhas no poleiro, fere as últimas sombras da noite e se perde sanguinolento por entre os vestígios da madrugada. Quando a manhã chega ao terreiro, a mulher não sabe o que fazer para acalmar as galinhas assanhadas em torno dela. A falta de comida torna

inquieta as aves, umas ferem às outras com os bicos famintos. Há meses que não cai um pingo de chuva, a plantação de milho e feijão não vingou na roça trabalhada com tanto esforço e sacrifício. A única mão de milho que a mulher joga no dia provoca nas aves uma danação que assusta e dá pena. Cruz-credo! De sua boca o cuspe sai violento, dá pra se ver no rosto a expressão de rancor, que se alojou nela desde que o tempo tornou-se abrasador na estiagem prolongada. Nas roças, os cacaueiros estão parecendo visagem em seus ares fúnebres, com os galhos e as folhas secas. Muita plantação naquela cor sem brilho, que infunde medo, os olhos veem e não chegam a compreender, até as árvores altas mostram as folhas amarelecidas.

Esfomeados, os porcos estão grunhindo constantemente no chi-

queiro. Fuçam nos pés das estacas, escavam em todos os cantos da terra seca. Não sossegam no trincar de dentes, à noite escuta-se o som metálico de suas ferezas batendo nas queixadas.

Todas as manhãs, o homem segue cedo para o curral pequeno, feito de estacas velhas e arame enferrujado, a cobertura de zinco furado. O homem vai tirar o leite da vaca Borboleta, que mesmo com os pastos sem o capim verde ainda dá cinco litros na espuma, sem falhar um dia. Não sabe como ela consegue dar esse leite, quente e bom. Não existe o capim verde para alimentar Borboleta, o pasto está com uma cor de ferrugem, o ribeirão é um fio d'água na baixada. Depois de feita a ordenha, o homem deixa uma quantidade pequena de leite no úbere de Borboleta para alimentar o bezerro.

O baque na cancela da estrada real desperta a atenção do homem, que acaba de soltar a vaca e entregar o balde com leite para o filho ir levar para a mulher, que se move agora na cozinha pequena da casa com paredes de adobe, erguida num outeiro. O menino avista como o pai os dois homens que vêm andando pela estrada real.

– Parece que é Seu Dorinato acompanhado de outro homem – observa o menino com os olhos es-pertos.

A neblina vai diminuindo no terreiro aos poucos, continua lá na serra com suas toalhas gelatinosas, esbatendo-se entre as árvores nativas, de tronco grosso e copa frondosa. A neblina aparece inclemente na madrugada, nesses meses de estiagem forte, penetra os ossos e corta como faca afiada. A terra já come-

ça a receber na baixada os raios de um sol quente, que logo mais irá queimar tudo que existir como plantação verde. A paisagem ficará iluminada por todos os cantos, os ares abafados, como nunca acontecera na região do Japar onde a chuva sempre caiu grossa nas estaes estáveis.

Os dois homens chegam limpando o suor do rosto. Seu Dorinato, o dono da fazenda Boa Sentença, d o bom-dia com o rosto aborrecido, fixando os olhos nos cacaueiros da roça ali atrás do curral com as folhas secas.

– S mesmo os credores me faziam vir aqui nesse momento – ele diz numa voz triste, acrescentando: Quem vendeu o cacau antes da safra para entregar no futuro, vai enfrentar um tempo difícil para efetuar os compromissos, com tanto sol e tudo

seco ninguém vai ver um só fruto do cacau na época da colheita.

Pensativo:

– Só se vê fazendeiro vendendo a roça de cacau e ninguém arrisca comprar nem por baixo preço.

Ao lado do fazendeiro, o outro homem que veio comprar os porcos: alpercatas de sola grossa, camisa por fora das calças, queixo de ponta no rosto vermelho, os olhos frios, quase imóveis, neutros.

– Onde estão os porcos?

– Onde estão, Abdias? – a pergunta repetida na voz de Seu Dorinato infunde respeito.

– Estão magros, há semanas não comem nem mandioca nem jaca. Só estão comendo folha de bananeira.

Após acender o cigarro feito com fumo enrolado na palha de milho:

– As trovoadas não demoram, as águas caindo tudo melhora, os por-

cos vão ter comida farta e engordam em pouco tempo.

Com a voz mansa:

– Digo isso porque vi no minador da roça velha um fio d'água descendo pela terra.

– Não quero mais criar porco aqui na fazenda, ainda mais com esse tempo seco e até as dívidas pequenas crescendo.

Os homens caminham até o chiqueiro, irascíveis os porcos lá dentro, os dentes trincando na manhã que prossegue com suas lâminas de calor.

O comprador com os olhos sazazes:

– Esses bichos nem podem sentir cheiro de gente.

Sem qualquer interesse:

– Pior que a magreza vai ser o transporte deles até o embarque de caminhão na estrada real.

– Isso não é problema.

– Como não é problema?

– Abdias sabe guiar os bichos.

O comprador faz os cálculos, examina os porcos atentamente, olhos saltados das órbitas no gesto de repulsa e desprezo.

– Posso até fazer uma proposta por esses famintos.

– Qual?

– Fico com todos na base da arrobação.

– Impossível. Só pra engorda devem ser vendidos e não pelo peso.

O comprador tranquilo:

– Só na arrobação mesmo.

– Quantas arrobas você dá por eles?

– Duas arrobas, um pelo outro: talvez nem dão 80 arrobas todos eles.

– E qual o seu preço por arroba?

– Metade da metade do preço que é pago na região.

– Negócio fechado com as 40 cabeças.

É quando com a voz tímida interfere Abdias.

– 39, Seu Dorinato.

– Não estou entendendo.

– O porco reprodutor, todo pintado no pelo, é do meu menino Dadico. Ele comprou na feira quando ainda era um leitãozinho, tinha sido apartado da porca há poucos dias.

– Como é mesmo?

No ar quente vibra a pergunta de Seu Dorinato, na verdade não passa de uma afronta que fere um rosto apreensivo. Aloja na garganta de Abdias uma massa de humilhação, que ele bem conhece em seus modos antigos. “Quem já viu naquelas bandas qualquer animal ter como

dono filho de capataz ou roceiro?” – pensa o fazendeiro com uma cara feia.

– Pois foi, é o que afirmo.

– Lamento que só agora eu venha saber isso, mas nada posso fazer, o porco de seu menino também está vendido.

Escutou a conversa do fazendeiro com o comprador dos porcos e a observação feita pelo pai acerca do porco que ele havia comprado na feira quando ainda era um leitãozinho. A venda do porco Pidão com os outros porcos repercute dentro como um sinal ameaçador, indicando grande perigo. Sente um enxame de abelhas zumbindo nos ouvidos. Levanta-se nas pernas sem equilíbrio, cheio de medo com aquela decisão tomada pelo dono da fazenda Boa Sentença, onde ele nasceu e cresceu caçando passarinho com estilingue,

armando a arapuca e botando o laço para pegar os bichos. Onde se uniu na amizade com um porco, que causava espanto a quem visse como se fosse coisa do outro mundo. Por que o porco Pidão foi se meter no meio daqueles bichos famintos? Tomaí, porco desobediente, como um castigo vai ser também vendido. Pensamentos vão passando por entre magoados gemidos. Os passos agoniados encontram, enfim, a velha mangueira perto do açude. Lugar escolhido como abrigo quando alguma coisa ruim acontecia e o deixava bastante aborrecido. Olhos espertos piscam agora sem brilho, circulam quase sem vida numa paisagem íntima, que se formou de aventuras pelo mato adentro. Com as travessuras de um menino e um porco com suas maneiras manhosas, bicho de tanta

estimação pelo dono que era tido como algo que não tem preço.

Nesse instante de tristeza, somente ele e nada mais. Numa paisagem que se ressentia dessa vez dos ventos soprados com alegria. De pés afoitos que caminhavam por trilhas e atalhos, acompanhados de um porco especial. Mãos de cata-vento vasculhavam os cantos do dia e, quando ele retornava para casa, vinha com o bernal cheio de descobertas, momentos generosos que o tempo oferecia.

Comprara o leitãozinho numa manhã de verão. Na feira da cidade que tudo tem, movendo-se naquela onda cheia de gente que vai e vem. O céu estava como um espelho, nuvens alvas que formavam bichos mansos, barcos de algodão, enormes cogumelos. Quando chegou da feira, logo apressou o pai Abdias para que

retirasse os caçuás do burro, sabendo que o leitãozinho fora acomodado no fundo de um deles. Os olhos espertos tinham um brilho forte naquele momento, admirados com o leitãozinho amarrado pelas pernas, o focinho nervoso, dentes trincando e esganiçando gritos. Quando foi desamarrado, ergueu o focinho num tremor engraçado, andou ligeiro e quase se batera nas pernas do menino. Farejou um monturo de lixo e lá se foi apressado, todo gozoso e roliço.

– Corre logo, bichinho, passa a conhecer seu terreiro!

Naquele mesmo dia recebera o nome de Pidão, rapidamente passou a ser as preocupações, os cuidados e os caprichos do menino Dadico. Sua comida era mandioca e milho verde, a água na gamela estava sempre limpa, a dormida ficava num cercado

que o dono construía atrás do galinheiro. Com o passar dos dias, o leitãozinho foi encorpando e ficando cada vez mais apegado ao menino. Simples era a linguagem que o menino usava para ganhar a afeição dele. Agrados escorriam por lombo e barriga, era costume ser recebido com alegria quem chegava com o focinho inquieto, farejando o ar e remexendo a terra. Sujo por andar se banhando nos buracos grandes da terra enlameada.

Passados uns cinco meses, Pidão mostrava-se com as papadas cheias de gordura, as pernas fortes e mais ligeiras. Os trabalhadores da Boa Sentença nunca tinham visto um apego daquele entre um porco e um menino. Nas roças de cacau, nas caçadas de passarinho, nas armadilhas para pegar bicho-de-carreira, nas pescarias pelo ribeirão ou na

lagoinha, eles dois lá estavam. Um não dispensava a companhia do outro. Os roceiros faziam comentários entre eles acerca das travessuras entre o porco e o menino. Era o porco que nem cão de guarda ou de caça? Seria um bicho possuidor de alguma magia ligada ao mundo sobrenatural? Nas indagações ninguém encontrava a resposta que explicasse a razão daquela amizade entre o menino e o porco. Alguns achavam que naquele apego entre os dois havia se metido a mão de Deus. O menino sabia que o inverno era venturoso, o verão tonto de azul com as suas surpresas e descobertas esplêndidas. Aquele porco manhoso com cada esquisitice deixava o pai do menino encabulado e a mãe incrédula com o que os olhos viam através das cenas costumeiras.

O porco Pidão tinha o pelo arruivado manchado de pequeninas bolas pretas, as pernas compridas. Seu corpo era até certo ponto grande para um porco mestiço. Rapidamente se alastrara sua fama de bom reprodutor, seguro e possante, porca houvesse na Boa Sentença e nas fazendas vizinhas para que ele cobrisse. Certa vez ele brigara com uma cobra enorme, de igual para igual. Chamara para si a atenção do inimigo, que traiçoeiramente já tinha o bote preparado para ser lançado nas pernas do menino. Travou-se renhida a luta entre o porco Pidão e a cobra grande, do tamanho de uma vara grossa e comprida. Ficou equilibrada porque o porco sabia ser paciente, usava esperteza durante os botes que a cobra desferia. A cobra com os botes sucessivos buscava atingir qualquer ponto de um corpo roliço. O porco

Pidão esquivava-se com voltas e re-
cuos, escorregava por entre as moi-
tas do mato, procurava assim can-
sar o inimigo, que não desistia de
lançar os botes em nenhum momen-
to. E mais botes perigosos eram en-
viados de um corpo que se arrastava
insidioso, às vezes parava, erguia-
se, encolhia-se, dilatava-se no arre-
messo mortal para um alvo corajo-
so, grunhindo. O porco afastava-se
rápido e evitava que a cobra atingis-
se com o bote qualquer ponto de seu
corpo, cada vez mais inquieto. A luta,
que já durava quase uma hora,
estralava os matos, deixava na ter-
ra marcas dos pés do porco Pidão e
trilhas de um corpo peçonhento.

Do galho da jaqueira, o menino
via todas as cenas, nada podendo
fazer para que a cobra fosse derrota-
da na briga.

Aflito:

– Corre, Pidão, pelo amor de Deus, antes que seja tarde!

A cobra e o porco desapareceram numa ponta de capoeira, os matos eram amassados com a passagem deles dois. Na danação da briga, o porco soltava grunhidos fortes, a cobra o perseguia sem dar trégua, parecia que ia crescendo de tamanho chão a dentro, na medida em que a briga demorava e ficava mais feia.

O porco Pidão só foi aparecer pelo entardecer no terreiro. A língua de fora, fios de baba pela boca, o sangue quente no corpo ainda agitado. Talvez soubesse que a grande vitória foi salvar o menino dos botes de um inimigo terrível. Na guerra que tivera com a cobra, se não foi vitorioso, também não saiu vencido. Mas sua fama de porco que não tem medo de enfrentar cobra venenosa

correu pelas outras fazendas. O menino chegava a dizer que ele era um lutador invencível, botava pra correr até onça parida, cobra no ninho e jacaré no choco. Nem do lobisomem nem da alma penada tinha medo.

O verão entrou pelas outras estações, prosseguiu no calor de brasa viva, terra seca e pouca água. Os fazendeiros bem tristes com a paisagem definhando perante o céu sem um fiapo de nuvem. Os semblantes desolados com a criação de animais e aves sem comida, nas estradas só a poeira grossa, os ribeirões morrendo. Abdias falou que se o tempo continuasse naquele castigo, o porco Pidão ia cair na faca, melhor ser abatido do que ver o bicho com as costelas de fora, emagrecendo.

– Onde anda esse porco, Dadico?

Susto danado:

– Nem faço ideia, pai, há dias que

ele anda sumido, se já não morreu de fome e virou comida dos urubus carniceiros...

Com os olhos de assombro, foi logo se afastando do pai, que há pouco instante chegara do curral onde fora curar com creolina a bicheira da vaca Borboleta.

Acreditava que o seu segredo nunca haveria de ser descoberto. O porco Pidão estava bem guardado no esconderijo que ele encontrara, entre as pedras grandes, na Serra do Japu. Dias depois, o pai recuara daquela intenção de abater o porco, Pidão aparecera de repente no terreiro contra o gosto de Dadico, em estado de causar pena. Afastado do menino, sem as travessuras costumeiras, não conseguira permanecer no esconderijo lá da serra muito tempo. Faminto, sedento, havia nele uns ares tristes de bicho esquecido.

“Antes nunca tivesse aparecido no terreiro, valia a pena ficar só com pele e osso lá no esconderijo das pedras grandes na Serra do Japu, mas salvo de ser vendido com os outros porcos. Por que entendeu sair do lugar onde estava protegido? Por que não ficou no esconderijo mais tempo? Tomaí, porco besta, veja o que arranjou agora, vai ser vendido com os outros, pesado na balança, castrado pra engordar, de novo pesado quando desse no ponto pra ser abatido, com o toicinho fazendo dobras no couro e a gordura balançando nas papadas pra quem botasse os olhos de usura em cima dele e logo lambesse os beiços e zapt faca afiada nesse bicho lerdo e gorduchento, que é chegado o momento...”

O coração que bate célere impele o corpo adolescente no gesto corajoso. Os homens já iam próximos à

cancela do pasto que serve de dormida para os animais de serviço. Pararam de repente quando ouviram um barulho que vinha do chiqueiro. De lá o vento trazia ruídos de bicho na sanha, querendo derrubar tudo que encontrasse pela frente. Assustados, retornam na carreira apresada. Avistam os porcos querendo fugir pela portinhola do chiqueiro, todos ao mesmo tempo. Em cima do mourão, o menino segura a portinhola do chiqueiro. O porco Pidão consegue fugir primeiro com mais seis porcos na carreira estonteada. O menino sorri de contente. Não percebe quando o homem saca o revólver e dispara seis tiros na direção dele. Um dos tiros derruba o menino para dentro do chiqueiro, logo o corpo passa a ser disputado pelos porcos famintos. Um salto relâmpago impele o pai Abdias para dentro

do chiqueiro. Ele cai no meio dos porcos já com o facão a desferir golpes sucessivos: na queixada, na perna, na estaca, no arame, no focinho, na terra, na orelha, no lombo, na papada, em tudo que encontra pela frente. E, após desferir golpes sucessivos e certos, consegue, enfim, o pai retirar do chiqueiro o corpo do filho.

Difíceis agora os passos numa dor que penetra veias, coração e nervos. As pernas cambaleiam, com esforço respira, nos braços o corpo do filho.

– Por que, por que isso?

– Só atirei para amedrontar o menino.

No resto do dia, a terra como se fosse irromper numa fogueira enorme, de tão abafado o ar, num calor intenso. O sol ainda não desapareceu com a tarde por trás da serra. E

algumas nuvens cinzentas, vindas dos lados da Serra do Japu, passam vagarosas acima dos pastos da baixada. As nuvens tornam-se maiores quando passam acima do curral e seguem na direção das roças de cacau. Quando a noite chega do céu apagado de estrelas, o tempo está armado com nuvens negras e pesadas, prenunciando felizmente ventos fortes e aguaceiros. A princípio é uma chuva fraca que cai, os pingos batendo no telhado da casa e no zinco que cobre o curral velho.

O homem acende o candeeiro, a luz em cima da mesinha como uma língua irrequieta forma figuras disformes na parede. Gemidos da mulher misturam-se com o chio dos morcegos, asas negras passam assustadas pelos cômodos no voo baixo de arrepio e medo. Lá fora, com o

andar arrastado, o homem atravessa o terreiro, a chuva engrossa na noite escura, cortada por relâmpagos sucessivos. Os pingos fortes batem como bolotas de chumbo quando caem na terra centenária. As veias da terra ficam intumescidas com a força da chuva trazida pela noite negra. Na pobreza das vestes aquele vulto magro, todo encharcado, passa pelo curral e segue em direção ao chiqueiro.

Ali no chiqueiro ele permanece sentado num pedaço de cocho feito de tronco de jaqueira velha, a madeira lascada pelos porcos na fuga. Parado, solitário, triste. O rosto úmido em contato com as mãos que apalpam na ausência um menino amigo de um porco e um porco amigo de um menino. Na maior, mais desinteressada e estranha amizade

que o mundo pode conceber. Ele sabe que nunca vai esquecer isso. Na vastidão da noite que segue escurecida, com ventos fortes, relâmpagos e aguaceiros.

O conto “Inocentes e Selvagens” conquistou o Prêmio Miguel de Cervantes, patrocinado pela Casa dos Quixotes para autores de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1968. Do livro *Berro de Fogo e Outros Contos*, Prêmio da Academia Pernambucana de Letras.

OS RECUADOS

– A senhora tinha parentesco com a vítima?

– Mãe.

– Quantos anos a vítima tinha?

– Trinta e seis.

– A senhora tem outros filhos?

– Oito e mais três netos que vivem comigo.

– A vítima morava com a senhora?

– Desde que nasceu e por último quando conseguiu fugir do sanatório.

– A vítima ocupou as funções de guarda-noturno durante alguns anos. Recebia algum provento? Era auxiliado por alguém?

– Era eu quem sustentava ele.

– Qual a sua profissão?

– Sei fazer cesto e esteira. Vendo aos sábados na feira, junto com umas coisas miúdas, pente, carretel, agulha, alfinete, botão, fita, espelhinho e perfume.

– A vítima bebia muito?

– Só não fazia isso quando estava com o apito na boca, aquele maldito apito que tinha vez que ele ficava a noite toda soprando. Era aquela aflição dentro de casa que aumentava ainda mais com os gritos dos vizinhos. Parecia que aquele inferno todo nunca ia terminar.

– Quem dava dinheiro à vítima para beber?

– O povo da rua e uns conhecidos lá do bairro.

– Quando foi que a senhora resolveu dar formicida à vítima?

– O remédio?

– Remédio! A senhora não sabia que era veneno?

– Eu comprei o pacote no armazém pela manhã. Tinha ido comprar café e um pouco de açúcar.

A mulher parou um pouco e continuou.

– Eu disse a ele que aquilo era um remédio pra abreviar seus sofrimentos, que ele bebesse logo pra ter um sono tranquilo.

Parou novamente, fez um esforço e continuou.

– Ele estava muito bêbado, com barba e cabelo grande, o rosto todo ferido. Ele tinha aparecido na sala com uma corda de cebola na cabeça e um ramo de flores murchas no

bolso do paletó velho. Ele andava muito sujo, maltrapilho.

Com certo tremor:

– Parecia um bicho.

– A senhora não tinha outro jeito de abreviar o sofrimento de seu filho?

– Não tinha. Não suportava mais vendo ele todo dia dormir na sarjeta e chegar bêbado em casa.

Correram murmúrios entre as pessoas que se comprimiam na sala.

– A senhora comprou o formicida para matá-lo?

– Não. Pra matar formiga e barata.

– Como a senhora conseguiu que a vítima bebesse o formicida?

– Ele tomou o remédio com guaraná.

– A vítima relutou em tomar o veneno?

– No princípio.

– E depois?

Uma careta desenhou-se no rosto da mulher, rompeu a crosta e se formou de uma maneira sofrida.

E, num tom baixo, ela prosseguiu.

– Depois eu abri a boca dele pra que o remédio fosse bebido, pra descer depressa na garganta e acabar de vez com o sofrimento dele.

O juiz recuou um pouco na cadeira.

Uma sensação de mal-estar percorreu os cantos da sala.

O juiz passou o lenço no rosto.

– Qual a quantidade de veneno que a senhora deu à vítima?

– A garrafa toda.

– Ele morreu logo?

– Instante depois.

– A senhora não se arrependeu do que fez?

– Sim.

– A senhora não sabia que estava dando veneno a seu filho?

– Eu já estava desesperada. Sofria muito vendo ele viver como um bicho... pior que um bicho...

Com a cabeça caída para frente.

– Ele era meu filho... mas na hora, doutor, eu só pedia a Deus que levasse ele.

Depois a sala permaneceu vazia, mergulhada naquele silêncio somente cortado pelo zumbido das moscas,

Raios de uma manhã abafada sobrevieram e fundiram os elos de uma corrente que se rompera numa estrutura sólida, feita no duro clamor de uma voz que se tornara impotente ante os dias neutros.

Houvera sempre uma condição de abandono, queda, cimento frio, que atingira o ponto máximo no amálgama de seus angustiantes tecidos.

A sala no absoluto silêncio.

A mulher foi recolhida ao cubículo que servia como cela nos fundos do prédio onde funcionava o fórum da cidadezinha.

Ela transpirou tremores misturados com cinzas. Minutos passaram num ritmo que feria quando começavam a lembrar-lhe o que tinha de ser.

Existiram suspiros fundos dentro do cubículo quase sem luz. Até que chegou uma brisa para envolvê-la com ondas ligeiras, trazendo certo alívio no peito que não parava de gemer. A brisa permanecia no rosto sob a pele enrugada, em carícia de lenço. Soprava nos olhinhos de sagui, que piscavam nervosos. Vermelhos e úmidos.



O livro *Os Recuados* recebeu o Prêmio Nacional Jorge Amado, no Centenário de Ilhéus, e Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro – Menção honrosa.

HISTÓRIA DO GALO CLARIM

Todos lá em casa sabiam que a galinha pedrês tirava pinto de raça para ser galo de briga, mas a melhor chocadeira era a vermelha de pescoço pelado. Ela não perdia um pinto em cada ninhada. Meu pai gostava de botar ovos da pedrês e de outras galinhas para que a vermelha de pescoço pelado chocasse.

Da última vez que ele fez isso, a vermelha de pescoço pelado não perdeu um pinto numa ninhada de dez.

Quando os pintos cresceram e viraram frangos, não tive mais dúvida de que dois deles iam ser galos de chamar atenção de qualquer menino de minha turma lá da rua. Eles eram bem ariscos. Já começavam a cortejar frangas e galinhas, cacarejando e arrastando a asa ao redor delas.

Pedi a meu pai que me desse um daqueles frangos, pois o que mais queria ter agora era o meu bicho de estimação como os meninos lá da rua. Ele atendeu meu pedido. Fiquei feliz, sabendo que meu pai me dera uma grande alegria porque eu tinha passado no exame de admissão e breve ia ingressar no ginásio. Ele sempre me pedia que não descuidasse dos estudos. Queria que um dia me tornasse um doutor de anel no dedo, de preferência um advogado. Minha mãe nesse ponto não concor-

dava com ele, achando que a profissão eu mesmo escolheria quando chegasse o momento certo.

Já não aguentava mais ver os garotos lá da rua exibindo-se com cada bicho que eles criavam em casa. Carlito, um magro e zarolho, era dono do sagui chamado Alegrim. Andava com o bicho nos ombros. Às vezes Alegrim subia pelo pescoço e chegava ao topo da cabeça raspada de Carlito. Dali, no alto, não parava de encher de risinhos os dentinhos. Soltava finos assovios, como se estivesse a observar as pessoas e as coisas em redor.

Valinho, o sardento, ficava falando que a gata Marisca ia ter uma ninhada de dez gatinhos na sua segunda parição. Não ia vender os filhotes daquela vez, ele pensava em criar todos os bichaninhos. Depois que crescessem talvez resolvesse

vender um filhote, mas quem quisesse comprar o bichano ia ter que pagar um bom dinheiro. Segundo Valinho, a gata Marisca era uma boa caçadora de rato, seus filhos certamente iam ser como a mãe.

Codinho, um magrinho da cabeça grande, que era o mais valente da turma, chegava pisando firme, puxando pelo cabresto Marão, um carneiro peludo e chifrudo. Afirmava que com Marão não tinha medo que algum ladrão assaltasse a casa dele. Uma só marrada de Marão era o suficiente para qualquer bandido se arrepender de ter nascido.

Com o frango que ganhei de presente de meu pai, não tinha mais receio de ser humilhado lá na rua pelos amigos. Tinha agora também o meu bicho de estimação. Passei a exibi-lo com o peito estufado para todos eles. Falava que meu frango já

estava pegando jeito de galo, breve ia ser o dono do terreiro no quintal. Não demoraria cobrir as frangas e galinhas. Quando isso acontecesse, seria o pai de muitos pintos.

Mas, galo de verdade mesmo, só fui perceber que ele se tornara quando cantou pela primeira vez na madrugada fresca do verão. Escutei ele responder prontamente ao canto do galo do vizinho anunciando a madrugada lá fora, perto de clarear o dia.

Acordei inquieto naquela madrugada que ele deu o primeiro canto. Fui até a janela do banheiro, dali fiquei olhando-o no quintal, chamando as galinhas para catar bichinhos na terra. Dei um sorriso para mim, sabendo que naquela manhã tinha novidade para contar aos amigos lá da rua. Havia gostado tanto daquele canto que meu galo dera no

quintal pela primeira vez que resolvi que ele ia se chamar Clarim.

Meu pai tinha uma tenda de sapateiro no bairro. Frequentava a rinha aos domingos para apostar nos galos de briga. Andava agora se irritando com qualquer coisa lá em nossa casa. Minha mãe falou que ele estava assim porque seu galo Gavião havia sido derrotado na última briga que teve na rinha. Gavião ficou com o olho vazado e teve uma asa quebrada, tornando-se um galo imprestável para brigar na rinha. Como meu pai havia vendido o irmão de Clarim a um galista de Ipiaú, ele se lembrou de meu galo Clarim, mostrando interesse em testá-lo numa briga lá na rinha.

Não gostei nada da ideia de meu pai, pretendendo fazer de Clarim um galo de briga na Rinha Rodamundo. Custei a aceitar as intenções dele.

Nem fiquei um pouquinho contente quando ele falou dois meses depois que Clarim tinha sido vencedor em todas as brigas que participou na rinha. Revelou que ele tinha qualidades para ser um valente galo de briga, até mais que Gavião, que era o pai dele.

– Mas o senhor me deu Clarim pra eu fazer dele o que quisesse, não foi? Por que agora só quer colocar ele como um galo de briga na rinha? – perguntei, entre nervoso e assustado.

– Galo de briga e dos bons. Você me entenda, meu filho, galo de raça como Clarim não nasceu pra ser de terreiro. Ele vai nos dar muita alegria com as apostas que vou fazer nele e as vitórias que trará pra gente.

Acrescentou que com Clarim ia ganhar dinheiro grande e, como

notou que eu tinha ficado triste com as suas intenções, tentou me consolar:

– Vou lhe dar outro frango, que não seja de briga, mas um desses mestiços com crista alta que sirva pra ser galo de terreiro no meio das frangas e galinhas poedeiras.

Não saía da cabeça de meu pai a ideia de ganhar dinheiro com as apostas que fazia nos galos que botava para brigar na rinha. Achava que até podia ficar rico se ganhasse sempre. Ele dizia que seu ofício de sapateiro mal dava para sustentar a pequena família e que o pobre era a pessoa igual a um cachorro, não valia nada. O homem sem dinheiro só passava humilhação. Ora essa, nunca pensei que Clarim pudesse se tornar um galo de briga vencedor, ganhando todas suas brigas na rinha, enchendo de dinheiro os bolsos de

meu pai, fazendo dele um homem rico. Isso nunca me interessou mesmo.

Um dia, meu pai me disse que havia mudado o nome de Clarim para Gladiador. Tinha visto no almanaque de remédio o que significava a palavra gladiador. Tratava-se de um homem forte, corajoso, que lutava com uma espada de ferro na arena de Roma até com leão, por ordem do imperador César. Como Clarim tinha uma maneira agressiva de brigar, desferindo golpes sucessivos no adversário, sem nunca cansar, havia resolvido trocar o nome dele de Clarim para o de Gladiador.

Nunca me acostumei a chamar meu galo pelo nome de Gladiador. Para mim ele seria sempre Clarim. Eu gostava quando dava milho para ele comer na minha mão. Depois eu soprava a cabeça e as penas dele. Ti-

nha certeza que ele gostava quando eu fazia isso. Soltava uns cacarejos que me deixavam bem contente. Deixei de fazer esses agrados nele depois que meu pai não permitiu mais que ele ficasse no meio das galinhas. Ficava preso agora no gradeado só dele, dali apenas saindo para fazer algum treino com o galo de briga do vizinho.

Desde que Clarim fora afastado de mim para se tornar um galo de briga na rinha, meu rendimento nos estudos caiu a tal ponto que minha mãe não sabia mais o que fazer. Meu pai ficou aborrecido com isso. E, quando lhe dei a notícia de que tinha sido reprovado, ele ficou ainda mais aborrecido. Não sei como ainda tive coragem para dizer a ele que não ia estudar mais nem me interessar por nada na vida enquanto Clarim continuasse a participar dos

torneios de briga na Rinha Rodamundo. Ele tomou um susto com o que acabava de ouvir. Ficou sério com a testa franjada. Aí ele me prometeu que no próximo domingo seria a última briga de meu galo na rinha.

Era a primeira vez que ia ver uma briga de galo numa rinha. Entrei assustado no recinto cheio de barulho. Os galistas não paravam de falar com suas vozes exaltadas. O zelador da rinha, um rapaz pretinho como carvão, andava inquieto de um lado para o outro. Eu escutei ele dizer, entre um grupo de apostadores, que a última briga naquele domingo de janeiro ia ser sensacional. Os dois contendores eram galos valentes. O adversário de Clarim chamava-se Falcão Negro. Gostava de bater embaixo no pescoço para liquidar com o adversário.

Depois de borrifados com água pelo diretor da rinha, os galos foram lançados para o centro da pequena arena. Cada galo estava mais nervoso do que o outro no primeiro momento em que ficaram frente a frente. Eles bicaram o chão, subiram e desceram as cabeças, balançando com raiva os pescoços. Recuaram um pouco e voltaram mais agitados. Os peitos chocaram-se no ímpeto da primeira investida. Daí a pouco se encararam de novo, olharam-se com os olhos sanguíneos.

Desejei que o tempo fizesse passar logo aquela briga, mas dando no final a vitória para Clarim. Os galistas faziam um grande barulho em face dos golpes que Falcão Negro desferia sem parar no meu galo. Cada uma esporada que ele dava era sempre mais perigosa. Os que apostaram em Clarim estavam estra-

nhando a sua maneira de atuar naquela briga. Esquivava-se a todo instante dos ataques de Falcão Negro.

Não suportei mais escutar os galistas chamando Clarim de medroso, fujão, covarde, incentivando Falcão Negro para acabar logo com a vida dele. Revoltado com o que assistia, tomei coragem e me afastei de meu pai, sem que ele notasse. Fui empurrando alguns galistas para que saíssem de minha frente para que pudesse passar. Quando consegui chegar junto da pequena arena, pulei para dentro e dali retirei Clarim, que estava sendo bicado na cabeça por Falcão Negro. Sem me importar com as vaias que recebia dos galistas, saí da rinha apressado, chorando, levando meu galo nos braços.

Meu pai chegou lá em nossa casa aborrecido e, ao mesmo tempo, envergonhado. Ficou olhando minha

mãe cuidar de Clarim, que tinha a cabeça sangrando, os olhos fechados, o pescoço ferido. Minha mãe em silêncio limpava os cortes no peito dele com o algodão molhado na água oxigenada. Notei que ela tinha os olhos úmidos naquele instante, sem querer olhar para meu pai.

Passou o resto do dia calada enquanto eu fiquei no quarto trancado, chorando abraçado ao travesseiro. Na refeição do jantar, ouvi meu pai dizer para minha mãe que nunca mais ia criar galo de briga, acrescentando que tinha resolvido deixar de frequentar a Rinha Rodamundo.

Com a voz triste, sem esconder sua mágoa com o estado lastimável em que se encontrava Clarim, minha mãe disse:

– Já devia ter feito isso há mais tempo, mas antes tarde do que nunca.

O MENINO E O BOI DO MENINO

Era ainda um bezerro quando chegou ao sítio. As orelhas de gavião, recurvas nas pontas. Cresceu e virou novilho. O menino havia colocado o nome de Pintado nele. O pai comprou então uma novilha para fazer companhia ao boizinho. Novilha mansa, azebuada, pelagem branca, reluzindo ao sol. Isso aconteceu quase dois anos depois da chegada de Pintado ao sítio. Não demorou muito, a novilha começou a crescer a barriga, amojou várias vezes e vi-

rou vaca. Teve um bezerro pintado, com manchas pequenas, avermelhadas, espalhadas no pelo branco, o menino não cansava de dizer que tinha a mesma pelagem do pai.

Pintado, a vaca e o bezerro formavam um belo trio.

Pintado pastava o capim mimoso ao lado da vaca. O bezerro cabriolava próximo aos dois, de vez em quando se afastava e ia se esconder dentro da moita de capim sempre-verde onde ficava dormindo como se o corpo fosse uma coisa grande enrolada numa trouxa. A vaca dava falta do bezerro e mugia, chamando. No bebedouro da lagoa, os três reencontravam-se. Às vezes, Pintado deixava de puxar as folhas do capim alto com a língua crespa para ficar lambendo a vaca e o bezerro.

Ao meio-dia, o sol a pino, Pintado gostava de se proteger do forte

calor. Permanecia debaixo da árvore frondosa e retornava ao pasto com a vaca e o bezerro. Descia a ladeira do pasto que dava para a lagoa, onde, na baixada, o capim brotava fresco. O boi e a vaca comiam agora o capim da parte baixa do pasto, sentiam o cheiro da terra cheirosa quando a chuva de verão caía de repente. Pintado e a vaca deitavam-se perto da lagoa quando o sol começava a puxar o fim da tarde para descer por trás da serra e ali ficavam ouvindo o cricrilar dos grilos, o coaxar dos sapos e o piado dos anuns que buscavam a dormida entre as moitas escuras.

Pintado e a vaca gostavam de ruminar sob luares de relva, ver os vaga-lumes acendendo e apagando os olhinhos semitontos de sono, ouvir o bacurau que cantava na cabeça do mourão enquanto o bezerro dor-

mia no curral pequeno coberto de zinco.

O passarinho sempre estava pousado nas costas de Pintado, catando os bichinhos, se o dia amanhecesse radiante. O canto de um e a mansidão do outro encantavam. Davam uma alegria no coração que fazia o menino sorrir de contente.

O pai costumava dizer ao filho:

– Do boi tudo se aproveita, do osso ao couro.

E, rosto sério, acrescentava:

– O boi vale como ouro.

O menino mostrava-se apavorado quando o pai dizia isso, o rosto com a expressão de medo, os olhos parados, o coração pulsando num tremor. Sabia que há muito tempo o pai estava endividado com o penhor feito no banco do Estado.

O menino sentia um vento frio na espinha quando ia ao supermer-

cado. Via as prateleiras e as câmaras frigoríficas cheias de produtos bovinos. Pensamentos nada agradáveis diziam-lhe que a síntese de boi acabava numa pasta em conserva de lata e num verde que se foi.

Até que um dia o homem do açougue veio buscar Pintado.

O boi na frente, o homem no cavalo castanho, ágil, atrás, tocando Pintado com o ferrão.

– Êta bicho preguiçoso! Vambora, bicho!

Culpado, mas sem pecado, Pintado obedecia ao seu destino de boi pesado e ruminante, rumo ao matadouro. Seguia indiferente ao que o homem ordenava com rancor.

Do sítio até o matadouro na vila não era uma distância pequena. Montado num cavalo bom de marcha, macio nas pisadas firmes, sem pressa, gastavam-se umas cinco ho-

ras para chegar até a vila. O homem do açougue esbravejava a todo instante com aquele boi pesado, de movimentos lerdos como ele nunca tinha visto. No rosto zangado mostrava que não estava gostando nada da viagem que estava fazendo. E boi tinha vontade própria, qualquer tipo de querer ou sentimento? Dava a entender agora que andava devagar porque não queria deixar o pasto onde vivia com a vaca, o bezerro e era estimado pelo menino. Fosse de estimação ou não, o destino do boi era sempre acabar como carne no açougue, o homem pensava.

Havia saído do sítio de manhãzinha, esperava chegar cedo à vila, antes de o sol alcançar o meio do céu, sem um fiapo de nuvem naqueles dias de verão forte. Mas cadê que aquele boi infeliz ajudava nisso? O bicho parecia que não queria sair do

lugar, de tão lerdo, ficava emperrado quando resolvia parar em qualquer trecho da estrada. Era a primeira vez que Pintado fazia uma viagem, enfrentando ainda mais um sol de quarenta graus.

Aquele boi sestroso não ajudava no desenvolvimento da marcha, por mais que o homem do açougue desse seguidas ferroadas em suas ancas. Uma lástima! O boi parou embaixo de uma árvore frondosa, que dava umas frutinhas amarelas, à beira da estrada real. Deu trabalho para se levantar e prosseguir na viagem. Parou para beber água no córrego, que passava adiante da primeira curva na estrada. Deu mais trabalho para se levantar e prosseguir na viagem. Parou quando viu umas vacas da raça tabapuã acompanhadas de seis bezerros, que se mostravam cansados sob o sol da manhã quen-

te, brilhando nas pedras do caminho e nas folhas das árvores. Aí foi que deu mais trabalho para prosseguir na viagem.

As vacas iam sendo conduzidas por um vaqueiro de feição de índio, todo encourado, o chapéu redondo e pequeno como um capacete, o gibão como armadura no peito de guerreiro, as botas envolvendo os pés, as pernas e até as coxas. Vinha montado num burro novo, ligeiro como um raio, a pelagem cor de cana. Raios de sol resvalavam no chapéu de couro, resplendiam no gibão, nas botas, nas esporas e no metal dos arreios vistosos.

Pintado meteu-se no meio das vacas porque talvez elas estivessem sendo conduzidas para uma fazenda vizinha ao sítio de onde ele nunca havia saído. No meio das vacas estava seguro para fazer a viagem de

volta ao sítio onde era sua morada. Retornaria para a companhia do menino no sítio, passando a viver como de costume com a vaca azebuada e o bezerro que tinha a pelagem pintada como a dele. Assim, não prosseguiria a viagem com aquele homem violento e desalmado, que só fazia atingir todas as partes de seu corpo com ferroadas, que doíam e sangravam em muitos pontos quando ele entendia de parar no caminho para descansar um pouco.

Pintado deu muito trabalho para sair do meio das vacas, já disse.

Os dois homens conseguiram laçar e amarrá-lo, a muito custo, a uma jaqueira no barranco de uma das margens da estrada. Ficou ali com os olhos tristes, vendo as vacas sumirem na curva da estrada real.

Respondia agora com um mugido forte cada vez que o homem fura-

va suas ancas com o ferrão, mas não deixava de parar quando entendia de descansar da viagem demorada, que parecia não ter fim. E, quando parava, arriscava olhar para trás, os olhos ficavam olhando lá longe a estrada, como se quisessem ultrapassar as linhas do horizonte e alcançar um ponto de onde pudessem avistar no sítio o menino, a vaca azebuada e o bezerro pintado. Fez tantas paradas na viagem que seu corpo estava todo inchado com as furadas que homem do açougue lhe dava.

“As sombras da noite já começam a tomar conta da tarde e esse boi desgraçado continua a andar vagaroso quando não está parado e amuado na estrada, o que é pior”, o homem do açougue pensava, mordendo os lábios, babando pelos cantos da boca, a cara sanguínea de zan-

ga como se as veias do pescoço fossem estourar. Nem sequer tinha chegado à metade do caminho que seguia para o matadouro na vila. Daquele jeito vagaroso que o boi andava, ia passar uns dois ou três dias para chegar ao matadouro na vila.

Pior do que aquela viagem demorada, deixando-o enfezado com as artimanhas daquele boi maldito, forçando que ele fizesse pouso numa fazenda cuja casa-sede e o curral grande ficavam num aclive de um dos pastos, foi chegar à vila, no dia seguinte, pela tarde, sem Pintado.

O boi aproveitara o silêncio da noite para forçar a cancela várias vezes com a cabeça, e, numa dessas tentativas de abri-la, conseguiu quebrar a trava que a trancava. Fugiu do curral onde fora trancado pelo homem do açougue, assim que chegou àquela fazenda com muitas va-

cas leiteiras e animais de serviço espalhados pelos pastos da baixada. Pintado saiu correndo pelo pasto até a cerca onde parou e deu um salto ligeiro, indo cair na estrada real. Agora estava salvo das ferroadas daquele homem de voz grossa e gestos perversos, que não lhe dava trégua na viagem. Horas depois, com um vento morno passando pelo corpo cansado, aliviando-o das dores causadas em várias pontos com as ferroadas que o homem lhe dera na viagem inteira, desviou-se da estrada real. Entrou numa mata mais escura que a escuridão da noite sem vestígio de estrela e desapareceu.

No primeiro dia sem Pintado, o menino olhou o bebedouro da lagoa e o capim bem verde na baixada. O passarinho pousado nas costas da vaca. O bezerro ao lado. O trinado do passarinho sem comover.

O menino agora sem querer apañhar as frutas maduras das árvores na chácara. Com os olhos intumescidos. O ouvido no mugido ausente de Pintado. Ecoava no verde o mugido. Dentro dele sem querer se despedir.

O rosto cabisbaixo. Não tocava na comida. E só andava pelos cantos.

A mãe já não sabia mais o que fazer para que o filho voltasse a se alimentar. O menino andava pálido, visivelmente mostrava que perdera peso, naqueles dias que passou a se alimentar só com sucos de fruta, assim mesmo pouco. O jeito que o pai teve para acabar com aquela situação, que preocupava bastante a ele e à mulher, foi levar o filho ao médico na cidade. O médico observou que aquele caso era de pura tristeza do menino porque o pai vende-

ra o boi. Remédio para que o filho voltasse a ter apetite nem sempre adiantava em casos como aquele, e que sem dúvida não acontecia antes de o boi ser vendido e levado pelo homem para o matadouro da vila. O médico entregou ao pai a receita com o nome do remédio que o menino deveria tomar três vezes no dia. O pai saiu do consultório do médico mais triste do que chegara, sabendo que se o filho não voltasse a se alimentar com aquele remédio indicado na receita ele fosse cuidando de encomendar o caixão para o enterro do menino.

Depois de quase um mês sem Pintado, quando tudo parecia perdido para o pai e a mãe do menino, que viam agora o filho cada vez mais prostrado na cama, sem forças para brincar na gangorra da jaqueira,

montar no cavalinho Vencedor e sair correndo pela ladeira do pasto, pegando corrida com a cachorra Sabida, foi que eles ouviram de repente um mugido na manhã ensolarada. Veio lá da primeira cancela, na entrada do sítio. Um mugido doído, demorado, que se propagou no ar da manhã quieta e chegou até o quarto onde o menino permanecia doente na cama, desde o dia em que Pintado fora levado pelo homem do açougue. A vaca azebuada respondeu logo àquele mugido, que certamente era de Pintado, o mesmo fez o bezerro em seguida.

Um dia, como o pai do menino já estava esperando, o homem do açougue apareceu no sítio, montado no cavalo castanho. Usava um chapelão e uns óculos escuros. O ferão estava também com ele, seguro

pelos dedos grossos e curtos da mão calosa. Alguma coisa dizia ao homem que aquele boi tinha voltado para o sítio, para junto do menino, da vaca azebuada e do bezerro. E confirmou isso quando avistou Pintado embaixo da árvore frondosa, protegendo-se com a vaca e o bezerro do sol quente do verão. Virou o rosto enfezado para o lado e deu uma cusparada quando passou perto do boi.

Depois que deu o bom-dia e se sentou na cadeira de vime, ele disse ao pai do menino que não estava ali pra levar de volta o boi fujão que lhe pertencia. Outra viagem para levar aquele boi para o matadouro na vila não pretendia fazer, não valia a pena.

O pai informou ao homem que com o dinheiro que recebera dele pela venda do boi pagou sua dívida no banco do Estado. Não podia devol-

ver o dinheiro ao homem do açougue para ter o boi de volta, bem que gostaria de fazer isso. O homem adiantou que o dinheiro não era problema, ficasse lá com o seu boi preguiçoso, pagasse o mesmo preço que ele havia dado por aquele bicho manhoso, tinha o prazo de um ano para fazer isso. Só queria que o pai do menino assinasse uma promissória com o valor que pagara pelo boi, como garantia de que receberia a dívida.

Do seu quarto, o menino escutara toda a conversa do pai com o homem do açougue na sala. A esta altura da história, como vocês já presenciaram, o final não será diferente. Pintado, a vaca e o bezerro passaram a formar de novo um belo trio. Se o dia amanhecesse sem chover, com o sol esplêndido, o passarinho sempre estava pousado nas costas de

Pintado, catando os bichinhos. O canto de um e a mansidão do outro encantavam. Davam uma alegria no coração que fazia o menino sorrir de contente.

OBRAS DE CYRO DE MATTOS

Os Brabos, novelas, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

Cantiga Grapiúna, poesia, Edições GRD, São Paulo, 1981.

No Lado Azul da Canção, poesia, Editora Cátedra, Rio, 1984.

Lavrador Inventivo, poesia, Editora Cátedra, Rio, 1984.

Duas Narrativas Rústicas, ficção, Editora Cátedra, Rio, 1985.

Os Recuados, contos, Editora Tchê!, Porto Alegre, 1987.

- Viagrária*, poesia, Roswitha Kempf Editores, São Paulo, 1988.
- O Menino Camelô*, infantil, Atual Editora, São Paulo, 1991.
- Palhaço Bom de Briga*, infantil, Editora L&PM, Porto Alegre, 1993.
- Berro de Fogo e Outras Histórias*, Editus, Casa de Jorge Amado, Bahia, 2013.
- O Circo do Cacareco*, infantil, Atual Editora, São Paulo, 1998.
- O Mar na Rua Chile*, crônicas, Editus (UESC), Ilhéus, Bahia, 1999.
- Cancioneiro do Cacau*, poesia, Edifício, Rio, 2002.
- Os Enganos Cativantes*, poesia, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador, 2002.
- Vinte Poemas do Rio*, português-inglês, Editus, Editora da UESC, Ilhéus, Bahia, 2003.
- Canto a Nossa Senhora das Matas*, poesia, português-alemão, Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, 2004.
- O Goleiro Leleta*, infanto-juvenil, Editora Saraiva, São Paulo, 2005.

De Cacao e Água, poesia, Edições Macunaíma, Salvador, 2006.

Alma Mais que Tudo, poesia, Editora LGE, Brasília, 2006.

Poemas Escolhidos, Editora Escrituras, São Paulo, 2007.

O Menino e o Boi do Menino, infantil, Editora Biruta, São Paulo, 2007.

O Menino e o Trio Elétrico, infantil, Atual Editora, São Paulo, 2007.

Roda da Infância, novela, Editora Dimensão, Belo Horizonte, 2009.

Histórias do mundo que se foi, Editora Saraiva, São Paulo, 2009.

O Velho Campo da Desportiva, crônicas, Editora LGE, Brasília, 2010.

Vinte e Um Poemas de Amor, Dobra Editorial, São Paulo, 2011.

Lorotas, Caretas e Piruetas, infantil, Editora RHJ, Belo Horizonte, 2011.

Natal das Crianças Negras, narrativa, Livro. Com Editora, Lauro de Freitas, Bahia, 2012.

Histórias do Mundo Que Se Foi, juvenil, Saraiva, São Paulo, 2013.

Ecológico – poesia, EDUNEB, Salvador, 2013.

Onde Estou e Sou, poesia, português-espanhol, Editora LER, Brasília, 2013.

Um Grapiúna em Frankfurt, crônicas, Dobra Editorial, São Paulo, 2013.

A Casa Verde e Outros Poemas, Editora Mondrongo, Itabuna, Bahia, 2014.

O Que Eu Vi por Aí, infantil, Editora Biruta, São Paulo, 2014.

Oratório de Natal, infantil, Editora Duna Dueto, São Paulo, 2014.

Os Ventos Gemedores, romance, Editora Letra Selvagem, Taubaté, São Paulo, 2014.

Fissuras e Rupturas: Verdades, contos, Editora Via Litterarum, Ibicaraí, Bahia, 2015.

Poemas da Terra e do Rio, português-inglês, Editora Via Litterarum, 2015.

O Circo no Quintal, infantil, Editora Via Litterarum, 2015.

Minha Feira Tudo Tem Como Onda Vai Vem, infantil, Editora Via Litterarum, 2015.

Minha Turma Agora Dorme, infantil, Editora Via Litterarum, 2015.

A Anotação e a Escrita, ensaio, Via Litterarum, 2016.

O Velho e o Velho Rio, contos e novelas, Editora Escrituras, São Paulo, 2016.

Todo o peso Terrestre, contos, Editora Mondrongo, Itabuna, 2017

O Discurso do Rio, poesia, Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa cruz, Ilhéus, Bahia, 2018.

Nada Era Melhor, romance, Editus, 2018.

Pequenos Corações, contos, Editus, 2018.

NO EXTERIOR

Vinte poemas do rio, edição inglês-português, tradução de Manuel

- Portela, Editora Palimage, Coimbra, Portugal, 2005.
- Ecológico*, antologia, Editora Palimage, Coimbra, Portugal, 2006.
- Poesie della Bahia/Poesia da Bahia*, antologia, bilíngue, tradução de Mirella Abriani, Editora Runde Taarn, Varese, Itália, 2008.
- Zwanzig gedichte von rio und andere gedichte*, antologia, tradução de Curt Meyer Clason, Projekte-Verlag, Halle, Alemanha, 2009.
- Canti della terra e dell'acqua/Cantos da terra e da água*, antologia, tradução de Mirella Abriani, Editora Romar, Milão, Itália, 2010, Prêmio Internacional Leodegário Azevedo Filho, UBE/ Rio (2010).
- De tes instants dans le poème/De teus instantes no poema*, antologia, tradução de Pedro Vianna, Editions du Cygne, Coleção Poesia do Mundo, Paris, 2012, Prêmio Internacional Jean Paul Mestas, UBE/ Rio, (2013).

Il bambino e il trio elétrico, tradução de Mirella Abriani, Editora Romar, Milão, Itália, 2013.

Vinte e um poemas de amor, Editora Palimage, Coimbra, Portugal, 2013.

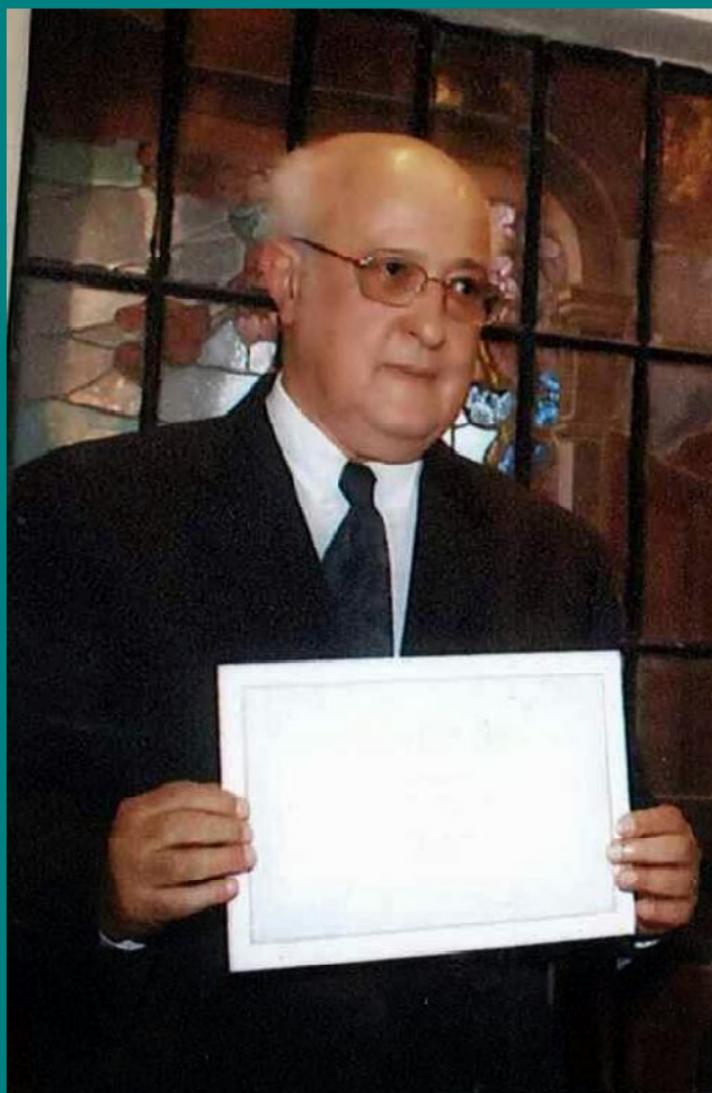
Poemas iberoamericanos, Palimage, Portugal, 2016.

Poesie brasiliana della Bahia, tradução de Mirella Abriani, Editore Aracne, Roma, 2017.

Donde estoy y soy, tradução de Alfredo Pérez Alencart, Editorial Verbum, Madri, 2017.

Il bambino camelô, tradução de Antonella Rita Roscili, Editora Aracne, Roma, 2018.

Natale dei Bambini Neri, racconto, tradução de Mirella Abriani, Editora Aracne, Roma, 2018



Berro de Fogo e Outras Histórias, foi publicado em 1997 pela Editus e pela Casa de Jorge Amado. Em 2013 saiu a 2ª edição do livro.

COLEÇÃO TEAL

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela pouco usada cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

Os e-books são diagramados no formato de 12 centímetros de largura, por 20 de altura, na fonte *Amer Type Md BT*, corpo 13 a 15, nas cores branca e preta, tornando a leitura visualmente cômoda.



Coleção Teal
Volume 5

Editor:
Cid Seixas

Tipologia: Amer Type Md BT, 15.
Formato: 12 x 20 cm.
Número de páginas: 94.

Copyright 2018

<https://issuu.com/ebook.br/docs/trabuco>
<http://www.e-book.uefs.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

Este livro eletrônico é o quinto da “Coleção Teal”. O primeiro trouxe um diálogo entre Franklin Machado e Guido Guerra intitulado *Feira não perdoa quem não aceita convenção*.

O segundo volume é constituído pela narrativa *O bocado não é para quem faz*, de Euclides Neto, ficcionista da região cacau-eira da Bahia.

O terceiro tem como tema e também como título – *Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*.

O quarto volume é intitulado *A timidez escondida*, contendo um diálogo entre os escritores Guido Guerra e Cid Seixas.

NOS TEMPOS DO TRABUCO

“O menino sorri de contente. Não percebe quando o homem saca o revólver e dispara seis tiros na direção dele. Um dos tiros derruba o menino para dentro do chiqueiro, logo o corpo passa a ser disputado pelos porcos famintos.”

CYRO DE MATTOS

<https://issuu.com/ebook.br/docs/trabuco>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL